O dia em que me tornei...

VASCAÍNA

Teresa Cristina
Ilustrações: Gilberto Valadares

PANDA BOOKS

Este livro segue as normas do novo ACORDO ORTOGRÁFICO

© 2011 Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Projeto gráfico
Daniel Kondo/ Flavio Peralta

Diagramação
Estúdio OLM/ Flavio Peralta

Revisão
Otacílio Nunes
Alessandra Miranda de Sá

Colaboração
Alexandre Aragão
Rodolfo Rodrigues

Fotos
Agência JB

Impressão
Assahi

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C951d
Cristina, Teresa, 1968-

O dia em que me tornei... vascaína/ Teresa Cristina; ilustrações Gilberto Valadares. - 1.ed. - São Paulo: Panda Books, 2011.

il.
ISBN 978-85-7888-111-5

1. Clube de Regatas Vasco da Gama - História - Literatura infantojuvenil. 2. Clubes de futebol - Rio de Janeiro (Estado) - Literatura infantojuvenil. I. Título.

11-0770. CDD: 796.3340981531
CDU: 796.332(815.31)

2011
Todos os direitos reservados à
Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
twitter.com/pandabooks
blog.pandabooks.com.br
Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Sumário

O INÍCIO DO VASCO 25

OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 34

OS 10 MAIS 41

A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 60

OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 71

CURIOSIDADES 90

Quem é fã de futebol poderá concordar comigo: a escolha do time é fundamental. Quando escolhemos um time para o qual torcer, escolhemos também um estilo de vida. É assim com corintianos, gremistas, atleticanos, botafoguenses, tricolores, fla-

menguistas e vascaínos, como eu. Durante nossa vida temos a oportunidade de mudar de ideia, emprego, moradia, e até de companhia. Mas não se troca de time de futebol – essa é a lei do torcedor. Por essa razão, e por outras invisíveis aos olhos – mas não ao coração –, o momento de escolha do time é tido como sagrado. Dificilmente se esquece de um momento como esse. E comigo não foi diferente.

Nascida e criada no subúrbio do Rio de Janeiro, desde cedo percebi o magnetismo que cercava o futebol. Na Copa do Mundo de 1974, com seis anos de idade, vi meu irmão jogar para o alto uma bacia repleta de pipocas. Era gol do Brasil, di-

zia ele. Depois daquele dia, entendi que gol era uma coisa muito importante e que seu surgimento em meio a uma partida nos levava a cometer loucuras. Após

a Copa, tratei de escolher um time. Meu tio Euzébio já havia tentado fazer de mim e de minhas irmãs três botafoguenses, mas não tinha sido feliz. Meu pai nunca tentou me fazer tricolor como ele. Minhas duas irmãs – Ana Paula e Eloisa – tornaram-se flamenguistas e gritavam aos quatro cantos que eu também era. Por ser caçula, deveria obedecer, diziam. Os argumentos eram sempre os mesmos: "É o time da maioria", "Todo mundo é Flamengo e você também vai ser" etc. Eu não conseguia acreditar naquela ladainha. Por uma simples razão: o Flamengo nunca me arrepiou, nunca me fez jogar um balde de pipocas pra cima, sua derrota nunca me tirou o sono. Hoje perce-